



Babe Bertha

Cláudio Feldman*

Santo André, Brasil

claudiofeldman44@gmail.com

1

Em 15 de maio de 1969, eu, Marcos Wasserman, faltei um dia de trabalho na “Gráfica Mercúrio” para rezar o “Kadish”, num cemitério quase clandestino, a fim de honrar o bastardo que explorou minha avó até sua morte prematura, com menos de 40 anos...

Coisas de minha “mishiguene kopf”!

Mas acho que o possível leitor que me acompanha não deve estar entendendo nada do que afirmo, portanto é preciso começar do início, como todo rapaz civilizado.

2

Os meninos de minha comunidade, israelita, frequentavam o carinho de suas avós, vivas, e, do contrário, seus retratos, lembranças ou túmulos.

Só eu, não sabia bem o porquê, ignorava quem fora minha avó materna, embora ela tivesse morado aqui mesmo, no Rio; a paterna, sobrevivente do Holocausto, vivia na Holanda.

E quando tocava no assunto com meus pais e os poucos parentes, eles me davam um ríspido basta!, que me deixava azedo o resto da semana.

Minha avó materna era um tabu familiar!

Quando ocorreu o meu “bar mitzvá”, que me tornava homem, possível de contar num “minian”, aproveitei a subida de “status” para interrogar de novo meus pais e familiares sobre a “babe” proibida.

Porém a cara fechada sobre o assunto prosseguia, feroz.

Ao menos fiquei sabendo que Bertha tivera o sobrenome de Liberman.

Continuei a estudar no colégio iídiche, a trabalhar meio período em tudo que precisasse, me dispersei em namoricos nos bailinhos da comunidade, em jogos

* Professor, escritor e roteirista.



de futebol amador, até que cheguei aos 18 anos, ainda com o fantasma de minha avó batendo à porta, sem que eu pudesse atendê-lo.

Numa viagem de férias a Porto Alegre, convivi com um primo mais velho e safo, que quis me levar para a zona do meretrício.

Berale – Bernard – me disse, a propósito, com todo tato, que minha avó Bertha havia sido do ramo.

O choque, violento, serviu, de qualquer maneira, para eu encontrar o fio da meada.

Pedi que me contasse tudo que sabia e ele nem precisou de minha insistência (sua mãe, notória fofoqueira do “ishuv”, comentava o fato sempre que lhe doíam os calos...).

Depois da tarde que passei com Berale, “babe” Bertha deixava de ser uma ausência, com ralo nome, e se tornava alguém de carne, ossos, sofrimento e, de sobra, alguns mistérios.

3

Num “shtetl” da Bessarábia, minha futura avó esperava seu príncipe encantado, embora não ignorasse que a pobreza, sem dote, dificultaria seu aparecimento.

Então surgiu no povoado, como por encanto, um desconhecido, Salomon Cohen, que procurava uma noiva.

Alto, ruivo, ares distintos, olhos azuis faiscantes, logo conquistou, com sua simpatia, diversas jovens da comunidade judaica, mas preferiu Bertha.

Visitou seus pais e disse-lhes que pretendia “fazer a América”, alcançando a fortuna com confecções.

Para tanto, precisava de uma esposa qualificada que lhe amparasse, com amor, nas dificuldades, e encontrara o desejado em Bertha, além de sua beleza.

Meus bisavós vacilaram em entregar a filha a alguém sem credenciais, porém a retórica sedutora do moço, seus modos estudados, seu anel que jogava luz e sua já mencionada simpatia acabaram convencendo-os a ceder.

O noivado ocorreu no “shtetl”, com a promessa, perante o rabino, de que o casamento acontecesse logo que o casal chegasse ao seu destino.

Salomon também afirmou que, assim que a boa situação se fixasse, traria os pais de Bertha ao seu convívio.



No navio do trajeto, saído de Hamburgo, a primeira mentira veio à tona, ao som das ondas: a lua de mel, prometida após o casamento, aconteceu antes.

No Rio de Janeiro, outros enganos se revelariam: a referida América não ficava ao Norte, mas no Sul, e a vida conjugal foi dividida com outros homens, no meretrício.

Salomon Cohen não passava de um cáften, filiado à “Zwi Migdal”, a Máfia judaica da prostituição!

Bertha revoltou-se, quis fugir, porém foi detida com ameaças.

Apesar de tudo, minha avó foi tratada com relativo carinho e gentileza pelo “marido”, ainda mais quando revelou que estava grávida.

A menina que veio à luz foi chamada de Malkale, minha futura mãe.

Logo que ela desmamou, foi entregue à única parente de Bertha no Brasil, a sra. Rosa Baum, de Porto Alegre, avó de Berale.

A consanguínea poderia tê-la salvado das garras de Salomon Cohen, mas o preconceito contra as “polacas” era tão intenso que, se uma família acolhesse algumas destas pecadoras, ficaria marcada pelo resto de sua existência.

A sociedade israelita não aceitava estas mulheres impuras, que tiveram que criar equipes de ajuda mútua para obter sinagogas, clubes e cemitérios próprios, pois, embora elas e seus cáftens fossem maculados, não queriam deixar de ser judeus.

Vem a propósito um provérbio ídiche: “Kenen toireh iz nit kain shter tsu avaireh”, isto é, “Conhecer a Bíblia não impede ninguém de pecar”.

4

Quando voltei das férias, perguntei à minha mãe por que ela fora criada pelos parentes de Porto Alegre e ela, nervosa, saiu-se com a seguinte afirmação:

— Pois minha mãe morreu quando eu era bebê.

Eu, para provocá-la, indaguei, com ironia na voz:

— Mas morreu mesmo ou simbolicamente?

Dona Malke ignorou minha pergunta e saiu para comprar beterrabas para o “borscht”.

A partir deste episódio, nunca mais perturbei meus pais e parentes sobre o assunto, pois comecei as minhas próprias investigações.



Três anos depois, já formado em Contabilidade, minha obsessão virou febre, quando localizei o infame que seria meu avô, ainda vivo.

Salomon Cohen, que não merecia seu abençoado sobrenome, adquirira a alcunha de Gringo nos ambientes de prostituição.

Agora, devido à idade, trabalhava em outro setor, com certa relação: vendia revistas pornográficas nas ruas de Copacabana.

Eu, farto de tanto rancor acumulado, não quis abordá-lo de modo sutil, com a delicadeza que os idosos esperam: fui logo empurrando o assunto, num tom brutal.

Salomon, cara avermelhada pelo sol litorâneo, olheiras fundas e longos cabelos grisalhos e caspentos, levou o susto que merecia.

Quis escapar, contudo o bloqueei com ameaças policiais e violência física, até que concordou em conversarmos numa cabana de sapé, na praia, que vendia camarões no espeto.

Entre mordidas, ele quis me convencer que, embora tivesse agenciado minha avó, nunca a espancara, como muitos correligionários faziam com suas exploradas, e respeitara o descanso de Bertha no “shabat” e nas Grandes Festas, como “Pessach”, que comemoravam juntos.

Além do mais, vigiava diariamente a saúde dela, pagando os cuidados médicos, quando necessário, para que não contraísse doenças venéreas; a aconselhava, sempre que saía de casa, a se afastar da cocaína, que tentava as “curves”.

Havia gigolôs que controlavam várias mulheres e, com isto, não cuidavam direito delas.

No início, também agira assim, mas, com o tempo, tornara-se exclusivo de minha avó, atento a tudo que precisasse.

Não era ambicioso, só queria que sobrevivessem.

Salomon tinha uma incrível lábia e uma simpatia irresistível, que quase me convenceram.

Percebendo que eu era impermeável a seus argumentos, começou a me chamar de “neto” e a me oferecer um bom pé-de-meia pelo meu silêncio.

Recusei o dinheiro sujo, arrancado do corpo exausto de minha avó, na cama com diversos homens, e só lhe pedi uma coisa: retratos dela.

Salomon prometeu que iria fuçar seus baús, à cata destas imagens.

O local do próximo encontro (e de outros possíveis) seria na mesma cabana de sapé, com cheiro de camarões, defronte ao Atlântico.



O velho poderia ter sumido no horizonte, mas não foi isto que aconteceu.

Minha avó, segundo as fotos, era meio gordinha, tinha um nariz adunco, como de certas judias, sardas, olhos e cabelos claros.

Gostava de se pintar com certo exagero, num nítido contraste com suas roupas bem pouco espalhafatosas.

Enfim, uma mulher que sabia camuflar sua dor vital com um sorriso, conforme vários instantâneos.

E este pormenor me abalou fundamentalmente, a ponto de desejar uma agressão a meu sórdido “avô”, em nosso próximo encontro, na praia.

Porém o velho, que surpreendi, antes que me visse, com os olhos úmidos perdidos no mar, me comoveu pelo seu ar de abandono.

Era um monstro de duas cabeças: uma, corrupta, por seu passado de participante do tráfico de brancas judias, outra, no presente, de um senhor agradável, que me entretinha com suas narrações picarescas sobre o bairro de Copacabana, me aconselhando a evitar os perigos que eu corria na ex-Capital do Brasil.

Eu sei que, graças à minha “mishiguene kopf”, acabei até a apertar a sua mão enrugada, nos encontros e despedidas!

E quando ele morreu, de cirrose hepática, pois bebia para atenuar suas canalhices, lá estava eu, no cemitério, como único parente, para rezar o “kadish”.

Quanto à minha “babe”, sei que “Hashem” a embala em sua nuvem, que muito merece!

Glossário

Babe: avó

Bar Mitzvá: solenidade na qual o garoto judeu passa à maioridade religiosa, aos 13 anos

Borscht: sopa de beterraba

Curves: prostitutas

Hashem: Deus

Ishuv: comunidade

Kadish: oração pelos mortos



Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

Minian: conjunto de 10 pessoas necessárias à realização de um rito judaico

Mishiguene kopf: cabeça louca

Pessach: Páscoa judaica

Shabat: sábado

Shtetl: cidadezinha

Recebido em: 13/06/2023.

Aprovado em: 12/07/2023.